FORUM 51, 2016, Pág. 41-68

Apostilas à Biografia

Victor de Sá

Nota explicativa*

Em 1991 o Doutor Victor de Sá jubilou-se como professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Conhecedor da sua decisão, o Centro de História daquela Universidade, em cuja génese e desenvolvimento Victor Sá tinha estado envolvido, decidiu homenagear "o historiador e o colega exemplar, levando a efeito a publicação de uma série de ensaios inseridos no domínio da sua especialidade".

Tal acabaria por se concretizar através da edição de um volume, sob a chancela de Livros Horizonte, com o título "Estudos de história contemporânea portuguesa: homenagem ao Professor Victor de Sá", contando com a colaboração de 27 autores e que foi apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 7 de Dezembro de 1991, no decorrer de umas jornadas em sua homenagem sobre o tema em apreço, dedicadas ao historiador, investigador e cidadão "que ao longo da sua vida combateu por ideais e princípios ligados a uma visão do mundo e da vida" (Moreno, 1991).

* Nota explicativa de Henrique Barreto Nunes.

Fui convidado a colaborar nesse volume, redigindo uma biografia de Victor de Sá porque, na qualidade de responsável pela Biblioteca Pública de Braga (Unidade Cultural da Universidade do Minho), ficara com o encargo de inventariar e tratar o fundo documental que aquele professor tinha doado à BPB, ali começado a depositar a partir de finais de 1984 (Doação, 1987; Sá, 2011) e entregue em diversos lotes ao longo dos anos e mesmo após a sua morte, ocorrida em 31 de Dezembro de 2003 (Nunes, H., 2000).

O material utilizado para redigir a biografia era aquele de que dispunha em 1990, já bastante substancial, que incluía por exemplo dossiês contendo recortes de jornais relativos à sua colaboração na imprensa periódica. Dada a dimensão de tão grande acervo de documentos pedi o apoio da bibliotecária Manuela Barreto Nunes para organizar a bibliografia de Victor de Sá, o que se veio a verificar, sendo igualmente publicada no referido volume (Nunes, M., 1991).

Concretizado o meu trabalho, evidentemente alicerçado nos documentos de que dispunha e no conhecimento que possuía sobre a vida e obra do historiador, em especial nos anos mais recentes, enviei-o para os organizadores do volume de estudos, que o acolheram sem reservas, sendo aprovada a sua publicação (Nunes, H., 1991).

Alguns dias passados sobre o lançamento do livro recebi um telefonema do homenageado que, visivelmente emocionado, agradeceu o texto e me informou que iria enviar uma "proposta de rectificações" e alguns esclarecimentos sobre diversos aspectos da sua biografia.

Tal acabou por acontecer em Fevereiro de 1992, quando recebi uma carta particular e 20 páginas manuscritas ao correr da pena, com diversas correcções e intercalações, a que atribuiu o título "Apostilas à biografia de Henrique Barreto Nunes, redigida com grande compreensão e muita amizade, elegância literária e inteligente plano", datado de "Rio de Mouro, Fevereiro de 1992 (entre 12 e 17)".

Da carta transcrevo alguns passos relacionados com o meu trabalho, que servem para esclarecer as reações que lhe provocou o texto adiante publicado:

> *Na realidade você refere muitos aspectos já quase esquecidos, tombados no lodo sombrio da memória, e assim de repente pôs todos a nu, tive de facto ser muito*

forte para, simultaneamente, apreciar (muito) o seu trabalho, apreciá-lo criticamente e formular as minhas sugestões rectificativas (de pormenores).
Quanto ao resto, achei óptima a estrutura e o ritmo que dá ao trabalho. Eu próprio fiquei apanhado e curioso até ao fim (minha mulher também gostou). Os poemas muito bem adequados.
Como já lhe disse ao telefone, sinto-me um franganote depenado. Você na escalpelização da minha vida, e a Manuela na anatomia do meu espólio, apoderaram-se de mim verdadeiramente, e deixe-me dizer-lhe, acho-me entregue a muitas boas mãos: generosas, lúcidas, compreensivas e organizaram muito bem os materiais de que dispõem.
Bem hajam! É para mim um consolo a vossa dedicação e amizade.

Algum tempo depois de ter recebido as "Apostilas" perguntei ao Doutor Victor de Sá se achava que elas deveriam ser publicadas, no caso na revista "Forum". Ele entendeu que não, devido a algumas referências que fazia a situações e a pessoas concretas, pelo que tal só deveria acontecer passados aí uns dez anos sobre a sua morte.

Naturalmente, respeitei a sua ideia. Há pouco mais de um ano resolvi dar conhecimento das "Apostilas" aos seus filhos (Victor, Osvaldo e Clotilde), que as desconheciam, perguntando-lhes se não viam inconvenientes relativamente à sua publicação.

Tendo eles concordado, achei oportuno publicá-las agora, quando passam 25 anos da instituição ao Prémio de História Contemporânea, pelas achegas que trazem sobre a sua vida pessoal, mas também pelos episódios da vida de um intelectual oposicionista no tempo do Estado Novo (e mesmo suas sequelas já em pleno período democrático), cuja ignomínia convém sempre recordar

O texto transcreve na íntegra o manuscrito de Victor Sá, respeitando a sua ortografia, com pequeníssimas correcções de pormenor, intercalação entre parênteses rectos de, p. ex. desenvolvimento de abreviaturas e pequenas notas da minha autoria, de esclarecimento de uma ou outra situação. A paginação referida em cada uma das secções das "Apostilas" remete para a edição original de Livros Horizonte.

Deve ainda referir-se que a minha biografia "Victor de Sá: um homem na história", além da edição original, foi publicada em separata, juntamente com a "Bibliografia de Victor de Sá", de Manuela Barreto Nunes, por iniciativa da Biblioteca Pública de Braga em 1991, tendo sido em 2011 reproduzida, com uma secção nova, relativa aos últimos anos de vida do investigador, no volume "O mundo continuará a girar" editado pelo Conselho Cultural da Universidade do Minho e CITCEM, por ocasião da comemoração dos 20 anos da instituição do Prémio Victor de Sá de História Contemporânea (Nunes e Capela, 2011).

Bibliografia

DOAÇÃO, 1987 – "Doação de documentação do Doutor Victor de Sá à Biblioteca Pública de Braga". *Forum.* Braga, 1987(2), p. 82-83.

MORENO, Humberto Baquero, 1991 – "Nota de Abertura" in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa.* Lisboa: Horizonte, p. 5-6.

NUNES, Henrique Barreto, 1991 – "Victor de Sá, um homem na história" in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa.* Lisboa: Horizonte, p. 7-19.

NUNES, Henrique Barreto, 2000 – "Nem todos os papéis se rasgam ou se deitam fora: arquivos pessoais e espólios na Biblioteca Pública de Braga". *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional.* Lisboa, Out. 1999-Ab. 2000 (5) p. 51-55.

NUNES, Henrique Barreto e CAPELA, José Viriato, 2011 – *O mundo continuará a girar: Prémio Victor de Sá de História Contemporânea 20 anos (1992-2011).* Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, CITCEM.

NUNES, Manuela Barreto, 1991 – "Bibliografia de Victor de Sá" in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa.* Lisboa: Horizonte, p. 21-51.

SÁ, Vítor de – "Memória sobre o Prémio de História Contemporânea" in NUNES e CAPELA, 2011, o. c., p. 17-24.

Agradeço ao Dr. Elísio Araújo, director da Biblioteca Pública de Braga, as facilidades concedidas para a consulta do espólio de V. Sá, a José Alberto Gomes (BPB) a digitalização das imagens e ao Dr. José Rui Vaz a transcrição do manuscrito.

ABc
20 Fev 1982

APOSTILAS à

Biografia de Henrique Barreto Nunes,

redigida com grande compreensão e muita amizade, elegância literária e inteligente plano.

1. Sobre meus pais, ele militar, ela professora (p. 8)

Foi neles que eu verdadeiramente conheci.

Ambos feitos no trabalho e na obstinação de transformarem as suas condições de vida. Ela, citadina, ele rural, mas dotados de qualidades intelectuais, com boas contas prestadas desde a instrução primária.

Quando ele fez a 4.ª classe com distinção, o professor (Maciel) empenhou-se junto do meu avô para lhe dar continuidade aos estudos, dado que ele tinha muitas aptidões, nomeadamente para a matemática. Mas nessa altura as condições de vida de lavradores-caseiros obrigavam à mobilização total dos braços da família para mão-de-obra nos campos, e essa foi a escola única que o Domingos teve de frequentar até aos 20/21 anos, quando foi chamado a assentar praça. Ainda o seu pai tentou isentá-lo da vida militar, mas o mancebo era fortalhão e não se livrou da Artilharia. Na República, e em tempo de guerra, a vida militar, se foi para meu avô um prejuízo, para meu pai foi a libertação.

Ele terá passado por várias guarnições, nomeadamente Viana do Castelo e Castelo Branco (lembro-me de ouvir falar destas pelo menos) e foi incorporado numa das expedições militares que durante a 1.ª G. Guerra ocuparam os "nossos" territórios africanos para os defender das cobiças alemãs (e inglesas). Esteve em Moçambique. Essa foi a (primeira?) oportunidade para meu pai se organizar como autodidacta. Terá comprado alguns livros de viagens e de história, e seguiu na expedição como um viajeiro atento, curioso e observador, elaborando nomeadamente as suas notas com impressões colhidas

Apostilas à Biografia

1
Sobre meus pais, ele militar, ela professora (p. 8)

Foi neles que eu verdadeiramente comecei.

Ambos feitos no trabalho e na obstinação de transformarem as suas condições de vida. Ela, citadina, ele rural, mas dotados de qualidades intelectuais, com boas contas prestadas desde a instrução primária [1].

Quando ele fez a 4.ª classe com distinção, o professor (Maciel) empenhou-se junto do meu avô para lhe dar continuidade aos estudos, dado que ele tinha muitas apetências, nomeadamente para a matemática. Mas nessa altura as condições de vida de lavradores-caseiros obrigavam à mobilização total dos braços da família para mão-de-obra nos campos, essa foi a escola única que o Domingos teve de frequentar até aos 20/21 anos, quando foi chamado a assentar praça. Ainda o seu pai tentou isentá-lo da vida militar, mas o mancebo era fortalhão e não se livrou da Artilharia. Na República, e em tempo de guerra, a vida militar, se foi para meu avô um prejuízo, para meu pai foi a libertação.

Ele terá passado por várias guarnições, nomeadamente Viana do Castelo e Castelo Branco (lembro-me de ouvir falar destas pelo menos) e foi incorporado numa das expedições militares que durante a 1.ª Grande Guerra ocuparam os "nossos" territórios africanos para os defender das cobiças alemãs (e inglesas). Esteve em Moçambique. Essa foi a (primeira?) oportunidade para meu pai se organizar como autodidacta. Terá comprado alguns livros de viagens e de história, e seguiu na expedição como um viageiro atento, curioso e observador, elaborando nomeadamente as suas notas com impressões colhidas.

De regresso, trouxe consigo (de Moçambique) algumas curiosidades etnográficas, de que me recordo de se terem conservado setas e azagaias até nos termos transferido para Braga, seja 1929.

Os anos eram maus no tempo do regresso, e com 3 más novas que chegavam (talvez o 9 de Abril em França, a peste e outras desgraças), em Cambezes [Barcelos] constara que o Domingos teria morrido e até já teriam sido ditas missas por sua alma. Quando num dia tremendo de tempestades e chuva ele chegou a casa, foi tal o alvoroço que a sua chegada provocou, além de vivo ele apareceu encharcado de água até aos ossos, que a família o rodeou de agasalhos e deu-lhe o remédio que nas aldeias era o que estava mais à mão em casos destes: cachaça para aquecer (e desinfectar). Mas com a atrapalhação da urgência e a falta de luz, trocaram o frasco e em vez de aguardente serviram--lhe um líquido cáustico que o ia matando, não fosse a sua robustez física.

E então ficou como 2.° sargento a ir e vir todos os dias para o quartel em Braga. Foi assim que nas viagens de comboio se encontrou com a professorinha de Cambezes com quem, às tantas, ajustou casamento.

Ela estava de fresco em Cambezes, transferida de Cabreiros. Viera com o pai que foi arranjar-lhe alojamento. Encontrou-o na casa mais rica e acomodada naquele tempo, um palacete de brasileiro-torna-viagem, que por ter de cá partido de socos e retornado casado com uma galega viúva do antigo patrão, herdado, portanto, e analfabeto como fora, fazia muita questão e honra de ter em sua casa a senhora professora da aldeia. Visita frequente do palacete brasileiro era o Senhor Sá do Pomarinho (um dos lugares da aldeia) e isso terá familiarizado a hóspede com o que, sem ainda saber, viria a ser o seu sogro.

O casamento, porém, não foi fácil. Tanto o noivo como a noiva arrostaram com a animosidade dos seus respectivos familiares, só o brasileiro Senhor Joaquim Martins e a Senhora D. Pilar serviram de arrimo nas circunstâncias. Por isso o novo casal faria questão de os convidar para padrinhos do primeiro bebé que tiveram, e por isso eu, que havia de ser Victor (nome dum mano de minha mãe que tinha morrido pelos dez anos) passei por imposição a ser também Joaquim.

Meu avô Baptista era um artesão de tamancos, toda a vida manteve uma indústria familiar modesta que dava para sustento de casa com altos e baixos. Talvez o meu bisavô também fosse tamanqueiro, porque os tios irmãos de meu avô o eram igualmente. Mas eles, além dos socos, eram proprietários de terras (excepto uma irmã, casada e viúva de um enfermeiro e que morreu pobre), enquanto meu avô vivia só da sua arte, tesoura grande e avental de couro, corta que corta à luz da lâmpada na ampla mesa que também era de

Victor de Sá – Joaquim Victor com os pais.

jantar. Todas as semanas iam caixas grandes cheias de tamancos, chancas e chinelos para a feira, minha tia Conceição a vender – ó freguesinha venha cá para estrear o negócio – outras vezes iam as caixas a despachar no caminho-de-ferro, destinadas a Chaves ou Leiria e outras terras longínquas para onde era exportada a mercadoria.

Meu avô tinha casa alugada na Rua Nova, ao Arco da Porta Nova (quem sobe, à esquerda; à direita, na esquina, era oficina e residência do Tio Quico, este com rendimentos pingues) onde minha mãe nasceu, na freguesia da Sé, e partilhou com os seus as incertezas de uma vida que era sempre de trabalho e não raro de dificuldades. Uma vida que ela não quis seguir quando fosse grande, e por isso se dispôs a encetar estudos que lhe permitissem chegar à profissão de professora, que então começava a abrir-se às raparigas.

Para a instrução dela e doutros irmãos, o pai, que não dispunha de recursos mas incentivava aos novos caminhos, candidatou-se à ajuda de um benfeitor galego, o bispo (?) André, que criara pensões a todos os jovens parentes que pretendessem estudar e não dispusessem de meios. Foi assim que toda a família Baptista se crismou de André e alguns puderam beneficiar da pensão.

Recordo-me de ter ouvido dizer a minha mãe que muitas vezes lhe apetecia ir brincar, mas ficava a queimar as pestanas no estudo, porque acima de tudo o que queria era alcançar uma vida diferente daquele que seus pais levavam. A mãe, ruiva, tinha sido uma feirante que o pai descobrira em Viana do Castelo, aonde em rapaz também ia vender.

Foi assim que a Florinda, com a vizinha Arminda Cabanelas (mais tarde ligada à Farmácia Roma), a Noémia e a Sameiro Ferro, que chegaria a médica, foram as primeiras raparigas a frequentar o liceu de Braga, e depois a Escola Normal, quando estavam instalados no antigo convento dos Congregados, que outrora também foi Governo Civil e hoje é Escola Superior de Educação.

A futura Dr.ª Sameiro Ferro, pioneira da medicina feminina em Braga, e como tal mal vista e hostilizada pelos seus colegas machos da altura, seria quem, por motivo desse companheirismo juvenil, veio a assistir minha mãe em Cambezes no seu primeiro e acidentado parto em que eu, tirado a ferros, como que nasci morto, quase estrangulado pelo cordão umbilical, mas a médica, nas condições hostis de todo o desconforto da aldeia, conseguiu, depois de salvar a amiga, acudir ao neófito (já roxo) e trazê-lo à vida através de sucessivos e rápidos banhos turcos, em recipientes de águas frias e quentes (trazidas em panelas de outro patamar) até reanimá-lo.

Minha mãe era dotada de forte personalidade e de uma natural vocação pedagógica. Sujeitava-se a sacrifícios mas para alcançar uma vida desafogada para si e para os seus. Nos primeiros anos de casada o seu ordenado entrava por inteiro na Caixa Geral de Depósitos, vivíamos só do ordenado do meu pai, e isto para constituir um pecúlio que pudesse valer a qualquer aflição. Quando eu tinha oito anos, com um irmão mais novo cinco (entretanto falecera uma irmã vítima de garrotilho), o pecúlio serviu para ela permutar com uma colega de Braga, e mudámos todos para a cidade, com vista à educação dos filhos.

Foi directora da antiga Escola de S. Victor, então na rua de Santa Margarida, onde também morámos antes de termos residência própria. Minha mãe era muito activa, por vezes frenética, inteligente e com golpe de vista. Foi uma educadora austera, sim, especialmente para com os seus filhos, muito exigente para os alunos, mas também muito compreensiva. De tal modo que, naquela freguesia maioritariamente proletária, os alunos difíceis com quem as

outras colegas não conseguiam trabalhar, passavam para a classe de minha mãe, que nunca lhes batia. Pela austeridade (e justiça) da sua conduta e pelo tratamento de dignidade e respeito pela personalidade dos alunos difíceis, o resultado desse tratamento era sempre positivo, com efeitos reabilitadores. Assim muitas crianças que nunca foram meninos, acabaram por ser gente digna e com instrução.

Foi minha mãe que sempre reclamou para si e para os filhos férias na praia (Póvoa de Varzim) e que, em vésperas das guerras da década de 1930 incitou o meu pai a aplicar o dinheiro economizado na compra das duas casas da Rua dos Chãos, que mais tarde seriam o arrimo da viúva e dos filhos ainda estudantes.

Ainda sobre meu pai, queria dizer mais: que era uma pessoa robusta, de estatura mediana, como o pai dele; a minha avó Tereza é que era alta. Essa dualidade de estaturas tem-se repercutido a sucessivas gerações.

Além de aprumado fisicamente, era-o também moralmente, muito firme e solidário com os seus próximos. Dotado igualmente de uma vontade tenaz, com vocação para a matemática e para a língua portuguesa, igualmente para as ciências biológicas e para a história. Recordo-me de ele ter lido integralmente os 20 volumes de História Universal de César Cantu, quando passamos a residir em Braga, ora lia em casa, ora ao ar livre, num caramanchão que amanhámos nas traseiras do prédio da Escola, no sopé do monte de Guadalupe. Como me recordo também de um atlas de anatomia do corpo humano, que ficou para o meu irmão médico, e de uma colecção de muitas dezenas de livrinhos, "Biblioteca do Povo", que ele também leu todos e que ficou para o meu irmão das matemáticas e físicas. Os grandes e pequenos livros de história ficaram naturalmente para mim. As suas vocações específicas como que se repartiram diversificadas pelos três filhos que teve.

O que também não posso esquecer dele era o aprumo com que o vi entrar no quartel, à paisana, cerca de um mês antes de morrer. À medida que descia o Campo da Vinha, então um descampado, em direcção ao quartel, os soldados que cruzavam com ele faziam-lhe continência e ele a todos tirava o chapéu, assim como ao sentinela da entrada. Tinha pelos "inferiores" o mesmo respeito que pelos superiores hierárquicos; tratava os soldados e os recrutas como pessoas humanas, isso explica que, quando da sua morte inesperada,

na sala nobre do quartel onde o seu corpo jazeu antes do funeral, tanta gente humilde, e sobretudo mulheres carpissem em volta da urna. Eram de certeza mães agradecidas.

Mas por vezes também era miudinho em contas e em economia, com orçamentos apertados, e também arrebatado até à fúria quando tinha de castigar os filhos, quero dizer eu, que era o mais velho e que pagava sempre pelos mais novos. Mas afora isso era um homem calmo, ponderado. E com uma força e uma tenacidade bovinas.

Também me recordo de o ouvir falar dos seus envolvimentos com as "sargentas" da época, ainda solteiro. Na guarnição de Castelo Branco foi o encarregado de se dirigir ao comandante a participar-lhe o levantamento, e se não anuísse teria de o neutralizar e prender. Era muito republicano, muito anti clerical, racionalista e democrático.

2
Seminário, rebelião, falta de resistência física (p. 8)

Acidentes complicados no início de uma adolescência turbulenta.

Primeiro, minha tia Conceição e a zeladora da igreja de S. Victor (D. Delfina Valença) a convencerem uma criança de 9 anos que eu era um chamamento de Deus para a vida sacerdotal e missionária em África (Angola, pela Congregação do Espírito Santo, de que a capitalista D. Delfina era protectora). Depois, o choque com meus pais, para quem a minha "vocação" peremptória foi um grito de alarme. Depois ainda a minha obsessão em querer levar a palavra de Deus aos inocentes pretinhos, condenados à vida eterna no limbo sem culpa de ninguém lhes levar o conhecimento da "verdade". Enfim, o gosto da missão, que sobrelevava os cómodos mundanos e os carinhos familiares.

Embarquei de madrugada num comboio para a Régua, acompanhado de meu pai, no dia em que em Braga foi a enterrar o Arcebispo D. Manuel Vieira [de Matos], o bispo da República, soube-o só muito depois. Meu pai, coitado (agnóstico,

republicano e possivelmente maçónico), lá me instalou entregue aos cuidados do Padre (ou Cónego?) Daniel Junqueiro (futuro bispo em Angola). E eu lá fiquei, um pouco temente daquele para mim novo meio geográfico, envolto por montanhas e paisagens muito diferentes, mesmo as humanas, do suave Minho a que estava habituado. Profunda devoção, sobretudo à Santa Mãe de Deus, perante cuja imagem muitas vezes dava comigo a chorar rezando o Credo, e imenso espanto quando os professores ministravam o *rosa-rosae*, a aritmética ou o francês. Que tinha isto a ver com a atracção missionária que me movia?

Depois, o desamparo da solidão familiar; o meu desatino nas tarefas práticas do quotidiano; o terror perante as figurações do inferno pregadas pelo Padre Terças, que até rangia os dentes; e as minhas curiosidades ou observações subversivas que incomodavam os padrecos mais limitados, autoritários e desumanos. Os castigos subsequentes. De uma vez, 24 bolos de palmatória, que o padre Mário Alves da Silva, anafado e rubro de prazer, aplicou paulatinamente nas palmas das minhas mãos, que ferviam de dores. Doutra vez, um castigo na sala de aula: ajoelhado contra a parede, à vista de todos os colegas, e com as mãos sobre os joelhos; a aula acabou, o padreco saiu sem me dizer nada, e eu deixei-me ficar impávido durante todo o tempo de intervalo, até que o professor da aula que se seguia teve de arranjar maneira de arrumar aquela batata quente que o seu colega lhe deixara da aula anterior. Mas a verdade é que eu estava atraído por aquilo: os passeios pela vila e pelos caminhos dos montes às quintas-feiras, em fila, de preto e com chapéu na cabeça; passar pelos povoados com gente diferente da que conhecia, e mulheres alegres (que os padrecos diziam serem da má-vida, o que era a má-vida, perguntava); as missas solenes em dias santificados (era menino do coro, mas com a humidade do inverno as cordas vocais não funcionavam); os presépios no Natal; a cerimónia de ajudar à missa e a oportunidade de escorropichar as galhetas; enfim, ser escolhido para acompanhar o Sr. Padre que ia de manhã a casa da benfeitora Dona Antónia dizer missa na sua capela particular em Godim, e depois o pequeno-almoço que o ministrante tomava na sala com a senhora, e eu na cozinha muito bem servido e tratado pelos criados.

Tudo isso me maravilhava tanto, mesmo que as injustiças me revoltassem interiormente (se te derem uma bofetada oferece a face para te darem outra), que quando minha mãe, roída de saudades, e meu pai no Natal fizeram o

sacrifício (as viagens então eram difíceis) de me irem lá ver, ficaram escandalizadíssimos com a minha tentativa de recusa em sair com eles, para não faltar a uma cerimónia natalícia no seminário (a visita a um qualquer presépio). Aquilo era a minha vida.

Victor de Sá – no Seminário.

Ainda nas férias grandes, que passei obviamente em Braga na casa familiar, o meu apego à vida monástica levou-me a passar uns dias no [seminário do] Espírito Santo de Braga, acima de Santo Adrião, onde só poucos seminaristas restavam, um deles originário do Brasil, muito afável e amiguinho, que me ofereceu fotografias e quis-me numa cama ao lado da sua, e assim me introduziu, ao contrário das ameaças do inferno anunciadas pelo Padre Terças, nos segredos da bem-aventurança juvenil.

Até que ao segundo ano, tendo reprovado no primeiro, em passado o Carnaval me mandaram embora, não por falta de vocação, mas de aproveitamento escolar.

O resto do ano escolar, já em Braga, ainda o passei indo diariamente ajudar à missa na igreja da Senhora-a-Branca, enquanto meu pai me pôs de dia num

explicador, onde comecei a conviver com outros rapazes e algumas raparigas, enfim, o princípio da vida mundana. E depois as explicações tenazes de meu pai a ensinar-me a matemática e o português, com as diferentes funções da partícula «que», a conjugação dos verbos regulares e irregulares, pessoais e impessoais, transitivos e intransitivos Um mestre de casa que suou muita estopinha e me desesperou (e eu a ele) por vezes até à exaustão, mas a quem devo a boa figura que fiz a matemática nos primeiros anos do liceu, e a português pela vida fora.

3
Emprega-se na Livraria Gualdino (p. 9)

Este foi o culminar (absurdo) do meu curso liceal, nos seus sete anos. Anos de despertar e alterar. Anos de descoberta e de trevas. A assistência escolar de meu pai terminou pelo meu 2.° ano, quando ele, primeiro, foi chamado a frequentar a Escola Central de Sargentos, em Águeda, hoje Escola Superior, durante dois anos, que lhe abriram acesso ao oficialato; depois, com as expedições militares nos Açores durante a 2.ª Guerra Mundial, mais dois ou três anos ausente. Entretanto, a horrível Guerra Civil em Espanha (1936-1939), logo seguida da Guerra Mundial iniciada em 1939. E eu a crescer no meio da bagunçada local e nacional, com as Mocidades e as Legiões Portuguesas, as Concordatas, a União Nacional (partido único) e as prédicas reaccionárias laicas e clericais. E as turmas mistas (raras) no liceu, e as capas e batinas, e os Primeiros de Dezembro e Enterros das Gatas, com algumas passagens por tascas de bairro, namoricos à desgarrada, algumas preocupações de animação cultural, a subversiva formação de uma biblioteca no liceu e de um ciclo de conferências por alunos, a guerra entre as capas e batinas e as fardas da Mocidade [Portuguesa], enfim, uma eleição renhida e ganha para a presidência da Academia. E o primeiro discurso no Teatro Circo, o zero a matemática num exercício do 7.° ano, e uma ampla reclamação ao Ministro para voltar à separação de letras e ciências no 3.° ciclo. E o namoro persistente e teimoso, os artigos nos jornais, uma consciência a despertar fora dos quadros normativos da época e do meio. O curso dos liceus afinal concluído sem pontos negros,

mas com empenhos ao Dr. David de Oliveira para passar no 6.° ano a história, e ao Dr. Freitas Sampaio para obter a mesma graça a latim no 7.° ano. Para trás tinha ficado a recordação e o convívio com outros professores exemplares como esses, a quem a formação cívica e intelectual ficou devendo muito e ainda o Dr. Carrington da Costa, que nos havia iniciado em Claparède e [em falta], além da geometria do programa; a Dr.ª Emília Correia, a quem devo a iniciação na literatura contemporânea e a descoberta de Ferreira de Castro, na Selva e nos Emigrantes; o Dr. Faria Gago, leitor permanente do "Diabo" daquela época, o democrático; e outros e outros que, com o seu humor subtil contrariavam os efeitos perversos dos maus professores vingativos e reaccionários.

Que fazer, então, uma vez terminado o curso dos liceus? As portas da Universidade estavam-me abertas pela generosidade dos pais e sobretudo pelo desejo ardente da mãe que nos queria, a nós três filhos de que eu era o mais velho, atirar para a frente o mais possível, embora meu pai fosse de aspirações mais limitadas, a nível de manga-de-alpaca. Aliás neste aspecto meu pai exerceu sobre mim uma acção de efeitos castradores. Na sua opinião eu era tão preguiçoso, que me agoirava vir a morrer de sede ao pé de uma bica de água só para não ter a maçada de me agachar para a beber. Achava que eu havia de ir para sapateiro ou, em momentos de generosidade, para ajudante de barbeiro. De tal forma era incrédulo a meu respeito, que não aceitou facilmente que fosse eu o autor do primeiro artigo meu que saiu publicado na imprensa local [2]; não me reconheceu pelo nome, embora tenha reparado na semelhança, e só acreditou depois de lhe ter mostrado o rascunho original.

Minha mãe, sim, essa queria mesmo para os filhos o melhor futuro e acreditava nas nossas capacidades. E orgulhava-se delas. A ela fiquei devendo ter obtido o curso liceal completo, pois quando me decidi a trabalhar já nem queria fazer na 2.ª época o exame de latim a que tinha reprovado na 1.ª: "– Se não queres continuar a estudar é lá contigo, mas o curso do liceu tens de acabar".

E assim, com meu pai ausente nos Açores, e minha mãe impotente para demover a minha teimosia, lá fui ao velho Sr. Gualdino da livraria pedir-lhe emprego, com grande espanto que ele, que só mo deu depois de se assegurar que lhe estava a falar a sério. No mês seguinte pagou-me o primeiro ordenado: 200$00.

30-10-937

CEUTA!

Estabelecida a paz com o vizinho Castelhano que durante alguns anos guerreára o nosso País para alcançar o trôno português, sonho êsse que Álvares Pereira derrotou definitivamente na batalha de Aljubarrota, os portuguêses, que desde a fundação da sua nacionalidade deram continuamente provas de coragem e bravura, não podiam descançar armas, pasmados, a olhar para o mar. A fébre de glórias alastrava-se por todo o País e não podia conter em paz o ânimo dos portuguêses.

Foi então que correu a todos os pontos de Portugal a nova de uma expedição marítima cujos destino e fim eram desconhecidos.

Recolheu-se todo o ouro, prata e cobre que se pôde haver no Reino, e cunhando-se muita moeda com estes metais, conseguiu-se restaurar o cofre real que as guerras haviam esgotado.

No Pôrto e em Lisboa reuniram-se todas as naus do Estado, naus velhas que se concertavam e outras compradas e fretadas a países estrangeiros.

Por todo o Reino ía uma actividade que fazia prever um extraordinário acontecimento. O Infante D. Henrique viéra para o norte armar, abastecer e organizar a armada do Pôrto, enquanto o Infante D. Pedro se encarregára da esquadra de Lisboa.

A notícia destas grandes preparações para uma empreza cujo objectivo se desconhecia, correra toda a Europa, e de vários países chegavam navios equipados pertencentes a fidalgos aventureiros que vinham oferecer os seus serviços ao glorioso rei de Portugal.

As gentes que de todas as comarcas se alistaram para a expedição, eram em número de uns 20000 guerreiros e 2.000 mareantes.

Passaram-se bastantes meses nos preparativos, mas por fim, as duas grandiosas frotas devidamente equipadas, juntaram se em Lisboa onde formaram uma só armada composta de uns 240 barcos grandes e pequenos! Tanto no Reino como na frota, continuava sendo desconhecido o objectivo da empresa.

Em Lisboa lavrava a febre que vitimou a Rainha. Foi enorme a consternação. O Rei julgou ver neste principio da empresa a que se votára por influencia dos seus filhos, um fim trágico, e quási desanimava ao ver hirto o corpo inanimado, de sua dilecta esposa. Mas os infantes, que viam na empresa uma glória, e na morte de sua mãi, que muito lhes doêra, uma razão insuficiente para desistir, depois de tantos sacrifícios, e depois duma preparação que bradára por toda a Europa, — venceram a sua dôr, reanimaram o seu heróico pai e conseguiram que no dia 24 de Julho de 1415, seis dias depois da morte de D. Filipa de Lencastre, a respeitável armada embojasse as suas velas para sulcar as águas do tenebroso e inexplorado oceâno.

Ia na esquadra a flor da nobreza de Portugal: os infantes D. Duarte, D. Henrique e D. Pedro; o conde de Barcelos, filho bastardo de el-rei; o Mestre da Ordem de Cristo, o Prior do Hospital, o velho e glorioso Condestável, e outros tantos velhos que, orgulhando-se pelas glórias alcançadas no antanho, ainda não desejavam dar a seus filhos toda a glória da expedição.

A frota, comandada por D. João I, seguira para o sul, sem que ainda se conhecesse o seu destino. A' passagem pelo cabo de S. Vicente, desembarcaram os expedicionários, e o capelão-real, Frei João Xira, anunciou a todos o objectivo de tam discutida expedição, ao mesmo tempo que incutiu ânimo e coragem para combaterem leal e denodadamente em prol da Pátria e de Cristo.

Ia-se empreender a tomada de Ceuta, importante cidade de Marrocos!

Embarcaram novamente, e ao cabo de dois dias tinham á vista terra de Africa. Esperaram a noite e entraram a atravessar o estreito. Depois, como a frota se aproximou da costa marroquina, os mouros, assustados, alvoroçados, corriam ás praias a avaliar a frota dos cristãos para se prepararem para possível combate.

No dia 20 de Agosto foi dado o plano de assalto.

D. Henrique foi ancorar a Almina com os barcos do seu comando, enquanto D. João e D. Pedro ficaram em frente a Ceuta. Aproximou se a noite Nos navios portugueses os activos preparativos para o combate, iluminados pela luz sinistra das tochas que se reflectia nas àguas, davam um aspecto trágico e terrivel. O comando era enérgico. Ninguém descançou durante toda a noite. Na cidade a actividade também era enorme. Tochas acesas em todas as casas, ofereciam aos invasores um espectáculo grandioso e trágico: a cidade parecia enorme e sumptuosa ao mesmo tempo que se assemelhava a um mar imenso ds chamas.

Chegou a alvorada do dia seguinte, o dia 21 de Agosto. D. João correu a todas as embarcações a incutir ânimo e coragem. A gente de D. Henrique desembarcou e foram abrindo caminho entre os mouros que tinham acudido a travar o passo aos cristãos. Os corajosos portugueses que em terra iam aumentando de número, travavam combate encarniçado com os furiosos mouros que se batiam como leões mas que depois caíam como féras. Poucos minutos de combate e os mahometanos já fugiam destroçados á frente dos guerreiros portugueses que os perseguiam até fóra da cidade, ferindo e matando.

Ceuta, a cidade marroquina sobranceira ao estreito de Gibraltar, era dos portugueses. Os turcos, os genovezes e os venezianos —senhores do comércio do oriente — teriam a passagem para o Atlântico interrompida sempre que os portugueses assim o quizessem. Portugal, portanto, podia-se estender livremente no ignoto oceâno, sem a intermissão dos povos que se aniqüilariam com a realização do supremo sonho do Infante D. Henrique: —a descoberta do caminho maritimo para a India!

Estava dado a primeiro passo..

VICTOR DE SÁ

Correio do Minho, 30 Out. 1937.
(apenas o título e 1.as linhas)

4
Inquérito necessário no "Correio do Minho" (p. 11)

O jornal era órgão da União Nacional e em 1955 estava praticamente às ordens do todo-poderoso e omnipresente António Santos da Cunha, presidente da Câmara Municipal de Braga e patrão de tudo em Braga, nomeadamente da tal União Nacional, de casas comerciais e empresas industriais de construção, etc. etc., até presidente da assembleia do Nosso Café que nós tínhamos criado contra a vontade dos padres e dos patrões da cidade. Nada se podia fazer que não tivesse a chancela pessoal do Santos da Cunha, ou então as coisas ficavam viradas do avesso e a PIDE actuava.

A verdade é que eu estava de relações cortadas com o mandarim. Andávamos sempre embirrados politicamente, por vezes judicialmente e com intervenções policiais, etc. Mas ele, que era um demagogo populista, prestava-se a certas jogadas. E eu, que já começava a ter um cariz de intelectual, fazia-lhe alguma frente, porque ele gostava de conquistar os jovens intelectuais do burgo e da região. Assim, estávamos por alturas de um Congresso de Filosofia em Braga, um jornal de Lisboa publicou quadros estatísticos das frequências nas bibliotecas do país, com os bracarenses na cauda, e ocorreu-me jogar com esta contradição que punha em causa os brios bairristas do presidente.

Se bem me ocorreu a ideia durante a noite, de manhã expu-la ao Humberto Soeiro e a outros amigos que a acolheram positivamente, e à tarde estava na Câmara a pedir uma audiência.

Grande sobressalto nos corredores e gabinetes, mas o presidente, firme, não deixou fugir a oportunidade: que estava em reunião, mas ia interromper, e recebeu-me no próprio salão dos actos. Que sim senhor, era uma ideia formidável, que ia já falar para o jornal no sentido de porem as suas páginas à minha disposição, pois ele apelava para mim próprio que fosse eu a dinamizar a ideia.

Bem lhe percebi a intenção, o que ele queria era comprometer-me como colaborador do órgão da União Nacional (salazarista), mas também aceitei o desafio e desci a escadaria da Câmara já em direcção ao jornal para lá mesmo redigir a primeira crónica [3], no dia seguinte a segunda e assim por diante, mas assinadas por "Um bracarense". Até que passado pouco mais de uma semana, procura-me o redactor-chefe Costa (futuro advogado) com a incumbência do senhor presidente para me dizer que as crónicas estavam a fazer sucesso, que o jornal tinha passado a vender-se muito mais, etc. e que só não estava de acordo que não fossem assinadas com o meu nome, que ele redactor até queria uma fotografia minha para me fazer uma entrevista e assim por diante, uma situação na realidade para mim um pouco embaraçante mas que cortei cerce:

"– Olhe, se as crónicas estão a sair com sucesso, melhor, quer dizer que o problema está a ser tratado com êxito e era isso que todos nós queríamos"; portanto que se mantivesse o anonimato, porque se o meu nome aparecesse logo se virava tudo do avesso e ia o inquérito por água abaixo. A própria entre-

vista comigo, visto insistir ao menos nisso, que sim senhor, mas lá mais para diante, para também não perturbar o andamento das crónicas, eu depois diria quando me podiam entrevistar.

Um inquérito necessário

A população do Distrito de Braga lê muito pouco

PORQUÊ?

Temos de encarar as realidades para lhes darmos solução

Braga apresenta, por vezes, aspectos paradoxais.

No campo da cultura, por exemplo, Braga está a atravessar uma maré eufórica: conferências culturais na Câmara, Congressos de Filosofia, exposições artísticas e bibliográficas, fundação de clubes de cinema, conferências culturais, etc..

Mas, por outro lado, Braga lê multíssimo pouco. O livro não penetra nas suas camadas populacionais. E' considerado não só um objecto de luxo, mas até uma coisa estranha. Não se lê em casa, não se lê nos jardins, não se lê, tão pouco, nas bibliotecas.

Isto duma maneira geral, evidentemente. Mas duma maneira que impressiona fortìssimamente as estatísticas.

O culto do livro e, consequentemente, o carinho pelas bibliotecas, é um sentimento que não se encontra com facilidade nesta cidade. Quanto aos livros, são bem reduzidas as familias que em suas casas têm instalada uma estante para eles. E, quanto às bibliotecas, nomeadamente as bibliotecas públicas oficiais, — quantas há, e quantas pessoas as frequentam?

E' a esta pergunta que responde confrangedoramente o quadro estatístico que a seguir publicamos:

Número de Bibliotecas	Distritos	População	Leitores	Percentagem
11	Coimbra	432.044	208.848	48 3
39	Lisboa	1.126.815	314.809	27 9
19	Porto	1.052.662	223.284	21 2
6	Evora	219.638	25.297	11.4
2	Angra do Heroismo	86.577	7.066	8 1
4	Castelo Branco	320.279	22.614	7
1	Horta	54.823	3.741	6 8
10	Santarém	453.192	19.559	4,2
3	Guarda	304.368	9.006	2 9
4	Setúbal	324.186	8.973	2 7
6	Beja	286.603	7.857	2,7
12	Portalegre	196.993	3.728	1.8
4	BRAGA..........	541.347	9.670	1,7
8	Aveiro	477.191	6.613	1,4
4	Vila Real	317.372	4.622	1,4
2	Funchal	266.99[illegible]	3.368	1,3
3	Leiria	38[illegible].182	1.827	1,5
2	Viana do Castelo	274.532	927	1,4
6	Viseu	487.182	30	0,1

Postos, assim, perante um quadro transcrito da Estatística de Educação Nacional, cujos números não temos que pôr em dúvida, fàcilmente constatamos a situação de inferioridade em que nos encontramos quanto aos nossos hábitos de leitura, ou, melhor, à falta desses hábitos.

A situação é confrangedora e não só deve ter uma explicação como, sobretudo, um remédio.

O público de Braga não frequenta as bibliotecas, — porquê?

Porque as não tem?

Porque não satisfazem as suas necessidades?

(Continua na 3.ª página)

Correio do Minho, 3 Março 1955.

E assim colmatei por agora a tentativa de me comprometerem, e pelo contrário passei a sentir-me mais à vontade na orientação do inquérito e na inclusão de alguns depoentes conhecidos activistas da oposição (Dr. Rocha Peixoto, Dr. Guilherme Branco, Dr. Humberto Soeiro, etc.) entremeados com alguns burocratas situacionistas.

Até que chegou, já bem adiantado no tempo, o dia da minha entrevista, com fotografia na 1.ª página e entrada da redacção do jornal em que revelava ser eu o autor do inquérito.

Aí foi o fim do mundo naquela pasmaceira de uma cidade ao tempo pacóvia. Os situacionistas ficaram estragados logo ao pequeno-almoço com a afronta que lhes apresentava o jornal das suas fés (crenças). O próprio Santos da Cunha

terá passado a ser assediado como responsável da heresia, o que ele ainda aguentou por uns dias, mas logo a seguir veio do Porto a polícia prender-me a casa e acabou o inquérito.

Claro que isto foi uma grande bronca que incomodou o senhor presidente e o senhor redactor-chefe, ambos pessoalmente responsabilizados pela opinião pública enfurecida, e como não havia de facto outro motivo que fundamentasse a minha prisão, que assim ficava muito careca, eles próprios se terão empenhado em desfazerem-se da enroscadela, e umas semanas passadas estava eu de volta restituído à liberdade formal que então se fingia respeitar [4].

5
Uma bolsa e a discreta partida para Paris (p. 13)

Foi um período intenso de emoções e de tensão.

Em Março de 1962 andava eu empenhado na redacção do "Antero de Quental"[5], estava retirado em casa quando o telefone me chamou. Era de Lisboa, da "Seara Nova": o Rogério Fernandes a anunciar-me que tinha um convite para eu ir a Florença, talvez na semana seguinte. Que não, respondi-lhe, obrigado mas estava com aquele empenho, não podia ir. O quê?! Então viagem e hospedagem pagas, etc., e mais tal Então que me desse 5 minutos para eu ver a agenda, etc., eu ligaria de seguida.

"... Mas que parvo sou eu: então, se em vez de um amigo ao telefone tocassem à porta e fosse a PIDE a dizer-me venha daí, que hipótese tinha eu de recusar?" Não esperei os cinco minutos, liguei logo a anunciar a minha disponibilidade e a acertar datas, etc.

Foi a viagem maravilhosa de um provinciano do Minho ao coração da Europa, na companhia de uma rapaziada formidável, o Urbano Tavares Rodrigues, o Cardoso Pires, o Alexandre O'Neill, a Natália Correia, a Sophia de Mello Breyner e outros. Em Florença encontrámo-nos com a Agustina Bessa-Luís, o António Pedro alguns de nós ainda fomos a Roma, havia lá uma reunião democrática internacional em casa do Mário Ruivo onde estivemos e de lá

partimos, o Urbano e eu para Paris a darmos continuidade às coisas e a estabelecer outras ligações, etc.

Paris era já uma capital de refugiados intelectuais portugueses, e conheci muitos, alguns eram bolseiros, perguntei-lhes o que era isso de serem bolseiros e como se conseguia, enfim, vim de lá decidido a resolver em Portugal como se arranjava isso. E tinha acabado de preencher os papéis para a candidatura a uma bolsa, só deixei as assinaturas para o dia seguinte, quando relesse o que escrevi nos formulários, e, zás, no dia seguinte entra-me pela porta dentro (ou interceptou-me na rua?) a polícia que me leva preso para o Porto onde, vim a saber depois, nesse mesmo dia já tinham prendido o António Lobão Vital e a Virgínia Moura, o António Ribeiro da Silva e outros conhecidos oposicionistas do Norte. E seguiram-se meses, de Abril a Outubro à espera que os tribunais abrissem e depois, durante mais de um mês, um aparatoso julgamento no tribunal plenário, com sentença lida só em Dezembro, eu saí absolvido, mas os sete meses e meio já ninguém mos tirou de ter passado na pildra e sujeito a todos os vexames da praxe e outros mais brutais (até à fome nos sujeitaram na cadeia de Paços de Ferreira).

Enfim, ao longo deste tempo tinha sabido que os papéis da candidatura tinham escapado incólumes, minha Mulher tinha falado com o Francisco [Salgado) Zenha que os levou para Lisboa e foram entregues na Gulbenkian assinados pelo Lopes Cardoso que então ainda lá trabalhava nos serviços científicos. A partir daí foi nossa preocupação nunca falarmos sobre o caso para não despertar os polícias para essa minha pretensão.

E quando regressei à liberdade passei uns dois ou três meses a tratar dos assuntos mais urgentes, só depois comecei a tratar do assunto da bolsa, tendo sabido que na Gulbenkian o assunto ainda não fora resolvido, estava bloqueado talvez por saberem (o director das bolsas sabia) que eu estava preso.

Comunicou-me isso de certeza certa o meu amigo e antigo professor em Coimbra, Doutor Jorge Dias, que na altura muito se empenhou por bem encarreirar este assunto. Foi quando, por sugestão sua, dirigi ao director das bolsas uma cartar a informar que entretanto me tinha visto envolvido por um processo político que foi a julgamento do qual saí absolvido (ver no espólio dossier da Bolsa de Estudo).

Passados meses, pela Primavera de 1963, recebi enfim a informação de que a bolsa me tinha sido concedida e perguntavam quando queria seguir para Paris.

Foi profunda a minha emoção, apetecia-me gritar a toda a gente que tinha obtido uma bolsa, mas logo senti que era isso precisamente que eu não devia fazer, já estava escaldado com a nomeação para a professor em Braga [6], de que depois me negaram a posse, e contive-me numa auto-repressão custosa, embora tenha respondido normalmente por carta a marcar a minha partida para 15 de Setembro. O segredo foi repartido e guardado por minha Mulher e dois ou três amigos, com quem aliás pude tratar de todos os problemas inerentes à minha deslocação, desde os assuntos comerciais aos familiares incluindo hospedagem e encarregados de educação para os meus filhos, que entretanto continuariam por cá os seus estudos liceais. Foi formidável a ajuda que me deram – e sem ela não poderia ter partido – o Humberto Soeiro, o Lino Lima, o Viriato Carneiro e a Mulher, eles quase os únicos que por quase seis meses mantiveram em segredo os meus preparativos, que incluíram ainda uma viagem turística a Paris com minha Mulher. Foi nessa viagem que nos encontrámos com o Silas Cerqueira, meu companheiro de prisão em 1958 e amigos, que nos resolveu o difícil problema de alojamento, tendo obtido que a sua senhoria nos reservasse o apartamento em Saint-Mandé, que ia abandonar em breve.

Na quinzena de Setembro acabamos de resolver todos os assuntos, ainda fizemos os nossos discretos jantares de despedida com os amigos, no dia 14 levamos os meninos à D. Sabina e ao Senhor Viriato, eu carreguei o velho automóvel que então guardava numa garagem no rés-do-chão do prédio que habitava no Campo da Vinha, também tinha deixado correspondências para porem no correio na segunda-feira, e na madrugada de domingo ala que se faz tarde, partimos na companhia do Zé Bacelar [7], parisiense veterano, que nos conduziu por caminhos certos e costumes sabidos de caminheiro internacional até ao destino, Paris.

Algumas surpresas não previstas: primeira, ao sairmos de casa ia por azar a passar um informador da polícia; depois, quando já tínhamos passado Bragança, tivemos uma pane no automóvel, mas felizmente encontrámos mecânico à altura que nos permitiu seguir viagem; e ao atravessarmos a fronteira, cerca das 13 horas, encontrámos o polícia de serviço a comer o almoço, o que certamente contribuiu para abreviar as formalidades acostumadas. Mas já estávamos do outro lado quando a polícia espanhola, suspeita de quê? prevenida por quem? nos fez retirar as malas e abrir algumas, recordo-me de terem encontrado um saco com nozes que a tia do Zé lhe tinha dado para a viagem, mas afinal

pudemos prosseguir sem contratempo. Só no dia, já partidos de Valladolid e a caminho da fronteira com a França é que enviámos para a família e amigos o nosso telegrama de feliz viagem, os jornais em Portugal deram notícia, e a Delegação da PIDE no Porto mandou para Braga uma brigada a colher informações sobre o caso. Então, só regressei em 1969, depois de ter concluído um doutoramento, que não era o meu objectivo inicial.

FONDATION CALOUSTE GULBENKIAN
(Lisbonne-Portugal)

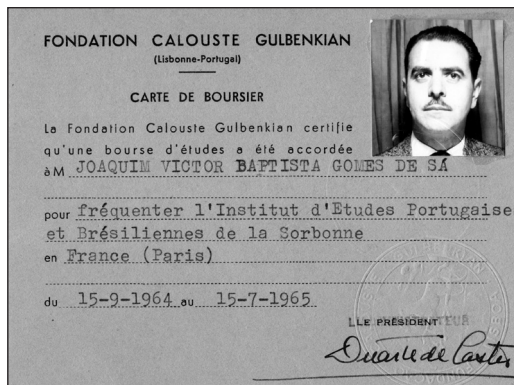
CARTE DE BOURSIER

La Fondation Calouste Gulbenkian certifie qu'une bourse d'études a été accordée à M JOAQUIM VICTOR BAPTISTA GOMES DE SÁ

pour fréquenter l'Institut d'Etudes Portugaises et Brésiliennes de la Sorbonne

en France (Paris)

du 15-9-1964 au 15-7-1965

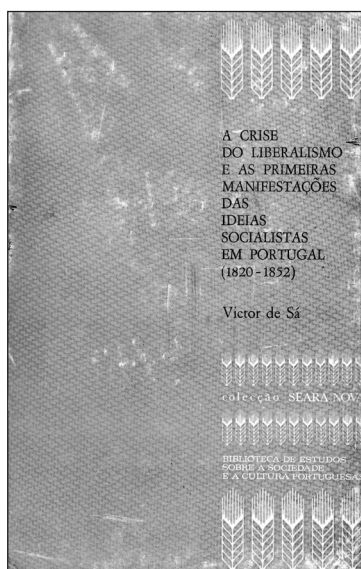
LE PRÉSIDENT

Victor de Sá – Cartão bolseiro.

6
Sem nunca ter vindo a Portugal, mesmo em férias (p. 14)

Assim foi desde que os Professores na Sorbonne me indicaram o caminho que eu devia seguir, por sugestão do iberista Prof. Robert Ricard transmitida pelo lusitanista Prof. Léon Bourdon, apoiada por [George] Boisvert, [José] Terra, Robert Gulbenkian, Coimbra Martins, Albert Silbert e Fundação Gulbenkian: preparar um doutoramento no seguimento dos meus trabalhos publicados (e por eles conhecidos), sobre a influência de Proudhon em Portugal. Tema que eu comecei por aceitar, mas que, tendo-me conduzido a um aprofundamento da história do liberalismo, depois fui modificando até chegar na última redacção ao título mais amplo com que apresentei a minha tese: Contradições do liberalismo e primeiras manifestações do pensamento socialista em Portugal, 1820-1852 [8].

Ao fim do primeiro ano, atingi a compreensão de quanto éramos ignorantes quanto a esse período da nossa história. E depois fiz muitos aprofundamentos e redigi muitas monografias, que mantive inéditas e até inacabadas, antes de encontrar uma linha de continuidade que ao mesmo tempo abrangesse as rectificações históricas a que procedi, e uma visão geral e não apenas sectorial (proudhoniana) do pensamento socialista em Portugal naquele período.

Além daqueles professores recebi apoios preciosos de Pierre Vilar e Vasco Magalhães-Vilhena, no aspecto científico, e dos meus colegas Miriam Halpern Pereira, Andrée Mansuy e Diniz Silva, estes dois últimos sobretudo na transformação do meu estilo de expressão, passando do modo retórico português para a precisão e rigor do pensamento científico francês, ou melhor, para a forma lógia (cartesiana) da expressão francesa.

Bom, mas isso foram os saltos e sobressaltos do decurso do trabalho, tão profundos, que até deixei de publicar artigos nos jornais e revistas portuguesas que habitualmente nos pediam. Assim fiquei livre de evoluir sem me comprometer com visões pontuais que entretanto pudesse ter expressado. Tinha o vago sentimento de que dentro de mim estava a produzir-se uma grande reviravolta nos conceitos outrora perfilhados a nível da casinha portuguesa.

Victor de Sá – A crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852).

Ora, com uma oportunidade destas, considerando mesmo que era uma lotaria que me tinha saído, eu não arriscaria, nem arrisquei, comprometê-la com uma vinda a Portugal. Mesmo que, numa hipótese optimista, não me prendessem à chegada, o que tinha era a certeza de que não me deixariam voltar. E assim dispus a minha vida de modo a passar as férias de Verão na companhia de familiares e amigos, como foram as que passei nos dois primeiros anos em Vilagarcia [de Arousa], na Galiza. Depois soube indirectamente pelos donos do hotel onde estive hospedado que a polícia espanhola tinha indagado sobre mim, após o meu último regresso (1965), pelo que, no terceiro ano, me desloquei para o Sul de Espanha, na zona quente do Mediterrâneo (Málaga e redondezas), e nos dois últimos anos seguintes, deambulei pelo Sul de França, Alpes e Itália, até Nápoles e ilhas de Capri e Elba, na companhia só dos meus filhos e mulher, em regime de campismo automóvel.

Estas deslocações de rumo tiveram em conta também informações que me chegaram de que em Lisboa tinha sido preso um primo meu, Joaquim Gomes de Sá, igualmente natural de Cambezes como eu, mas há muitos anos radicado na Venezuela, onde atingiu uma cátedra de Matemática e, naturalizado, era quadro superior do respectivo Ministério. A recepção, que ele teve pela polícia em Lisboa era a que estava manifestamente preparada para mim, como se confirmou uns anos depois quando do meu regresso, que do aeroporto a polícia conduziu-me directamente para a sede da PIDE, na rua António Maria Cardoso.

E muito mais tarde, já depois do 25 de Abril, acabei por ser confrontado com as informações que a meu respeito, e de outros portugueses, eram enviadas de Paris pelo poeta Carlos Cunha durante a minha estadia, um assunto que deu processo em vários volumes e pelo qual fui chamado à Comissão de Extinção da PIDE/DGS, e depois convocado a depor no Tribunal Militar, com vários adiamentos, nem sei como o caso terminou, porque entretanto adoeci e mudei-me de Braga para Sintra. Mas recordo-me que, mesmo depois do 25 de Abril, ainda fui bem incomodado pelas autoridades académicas minhotas e outras que protegiam aquele poeta arcoense, que pretendeu ser docente na Universidade do Minho e depois se fixou na cidade como docente da Faculdade de Filosofia. (Há um dossier a este respeito no meu espólio).

7
Post 25 de Abril (pg 15-18)

Não me dá prazer algum, pelo contrário sinto que me faz mal, estar a recordar estes casos, mesquinhos e torpes, do antigamente; e por isso vou abreviar o fim destas Apostilas, terminando-as com uma referência à minha retirada de Braga. Vivi lá meio século, praticamente uma vida, o melhor da minha vida. Não; o que devia ter sido o melhor e o mais produtivo da minha vida. De trabalho, canseiras e vexações é que foi. Na minha vida de septuagenário contam-se os dois parêntesis em que fui feliz: os cinco anos e tal passados em Paris, e agora estes já oito em que vou, passados em território de Sintra. Períodos em que me senti e sinto relaxado, sereno, encontrado e reencontrado comigo mesmo.

Depois do 25 de Abril, não se tendo revelado em mim uma vocação de política profissional, a de intelectual desprotegido deixou-me em Braga a descoberto relativamente aos muitos alçapões que as velhas raposas do sítio me montavam, e ainda mais susceptíveis de produzir efeito quando eu me entregava obstinadamente à minha tarefa de professor, e mantinha a minha proverbial ingenuidade.

Victor de Sá - Livraria Victor.

Foi primeiramente a hostilidade contra a minha presença no "Correio do Minho", nomeadamente de oportunistas acobertados pelo partido socialista e pelos párocos antigos e outras forças reacionárias acicatadas pelo Cónego Melo e seus sequazes: que eu até julgava que era professor, mas ainda havia de ver que não, etc. (ameaças que me chegavam aos ouvidos).

Depois, foram as sequelas do "verão quente": dois apedrejamentos à livraria que era a menina dos meus olhos, e uma metralhagem de 26 tiros, tudo a coberto da noite, ao longo da segunda metade do ano de 1975 e no dealbar de 1976. Também uma preparação de assassinatos selectivos de dez democratas, em que eu era apontado à cabeça. Tudo concebido e planeado por pessoas muito dignas da cidade, algumas passando por minhas amigas; porém com oposição de outras, e sobretudo com a recusa decidida do executante com que contavam, o muito digno "Corrécio" (Eduardo Oliveira), que apesar de todas as tratantadas e violências que praticou por esses anos, tinha o seu "código de honra" e terá respondido: – "Faço tudo para a destruição da livraria, mas matar não mato". Honra lhe seja!

Mas, a despeito da grande expansão alcançada depois do 25 de Abril, uma cidade pequenina onde é fatal a coexistência dos que se guerreiam, felicitando-se por sua vez quando morder não podem. Foi em Braga que se fez o jantar de universitários que haviam de dar-me, falhados os outros, o golpe na minha carreira com que se pretendeu concretizar os vaticínios antigos do Cónego Melo, agora (em 1978, vésperas da Páscoa) anfitrião dos universitários conluiados. E foi o mesmo dignatário que em 1990, tendo eu sido condecorado no 10 de Junho com a Ordem da Liberdade, na altura do jantar oferecido pelo Presidente da República atravessou a sala em direcção a mim e cumprimentou-me a felicitar pela comenda. Uma vida social como se vê muito promíscua, que não liga com a minha sensibilidade.

A verdade porém não é linear mas poliédrica. E se outros motivos não houvesse, esses muito contribuíram para a minha retirada definitiva.

Rio de Mouro, Fevereiro de 1992 (entre 11 e 17)

Notas

* O título completo do manuscrito é "Apostilas à biografia de Henrique Barreto Nunes, redigida com grande compreensão e muita amizade, elegância literária e inteligente plano".

[1] Os pais de V. Sá chamavam-se Domingos Gomes de Sá e Florinda Baptista da Silva André.

[2] O artigo intitulava-se "Ceuta!" e foi publicado no *Correio do Minho,* Braga, 30 Out. 1937, p. 3.

[3] O primeiro artigo da série "Um inquérito necessário" intitulava-se "A população do Distrito de Braga lê pouco. Porquê?", tendo sido publicado no *Correio do Minho,* 3 Mar. 1955, p. 1.

[4] Os textos resultantes do referido inquérito foram reunidos em livro sob o título *As bibliotecas, o público e a cultura,* editado em Braga pela Livraria Victor em 1956, num volume de 305 p. Uma 2.ª edição surgiu em 1983, em Lisboa, por iniciativa de Livros Horizonte.

[5] SÁ, Vítor de – *Antero de Quental.* Braga: V. Sá, 1963.

[6] Sobre este episódio ver o texto de V. Sá "Uma nomeação sem posse" no seu livro *Legendas para uma memória,* Braga: Biblioteca Pública, 2001, p. 65-74.

[7] José Gabriel Bacelar (Cervães, Vila Verde, 1924/Porto 1989) foi um notável executante da guitarra clássica, musicólogo e professor, com formação académica em Siena e em Paris, tendo vivido durante 26 anos nesta cidade, onde era uma segura referência dos oposicionistas bracarenses.

[8] A tese de doutoramento de V. Sá na Sorbonne foi publicada em Portugal com o título de *A crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852),* editada pela Seara Nova em Lisboa, 1969, com 432 p.